



## 15º Congresso de Iniciação Científica

### CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA DO LAZER A PARTIR DOS AUTORES CLÁSSICOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE LAFARGUE VEBLEN E RUSSEL

#### Autor(es)

ALICE DA SILVA

#### Orientador(es)

Nelson Carvalho Marcellino

#### Apoio Financeiro

PIBIC

#### 1. Introdução

AS CONTRIBUIÇÕES DE LAFARGUE, VEBLEN E RUSSEL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA POSSÍVEL TEORIA DO LAZER Alice da Silva[1] Nelson Carvalho Marcellino[2] Se entendermos teoria como um conjunto de conhecimentos, não ingênuos, que possuem diversos graus de sistematização e credibilidade, e que se propõem explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem à atividade prática; e prática, como saber provindo da experiência, ao mesmo tempo aplicação da teoria, poderíamos, ao invés de sua dicotomia, compreender o que se denomina da dialética estabelecida entre ação, reflexão, ação. Assim chegaríamos a um conceito, a uma unidade, que não pode ser entendida como unificação, no que se chama de “práxis”. Entendendo esse processo não seria necessária a criação de uma Ciência específica, para a criação de uma Teoria, que se daria a partir da contribuição de várias ciências e da reflexão filosófica, entendida enquanto produto e, enquanto processo, e entender e compreender sua esfera de atuação. Esse parece ser o caso do Lazer. É importante destacar que sobre um mesmo assunto, uma mesma problemática, existe, e devem existir, teorias divergentes, e até antagônicas dependendo das concepções que as embasam. No entanto, existe uma Teoria do Lazer, desconhecida da grande maioria dos profissionais que atua na área, que vem sendo formulada desde a filosofia Clássica, e ganha impulso com a criação e desenvolvimento das Ciências Humanas, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e que tem recebido contribuições constantes da Sociologia, Antropologia, Arquitetura/Urbanismo, Comunicações, etc.

[1] Orientanda, Graduada em Educação Física da FACIS –UNIMEP, bolsista do PIBIC-UNIMEP [2] Orientador, Professor dos Cursos de Graduação e Mestrado em Educação Física da FACIS-UNIMEP, Pesquisador do CNPq e Coordenador do Núcleo da Rede CEDES, do Ministério do Esporte, na UNIMEP.

## 2. Objetivos

---

1. Destacar e analisar a contribuição dos autores clássicos modernos para a formulação da Teoria do lazer.
2. Contribuir para o embasamento teórico de projetos que estudem as relações entre lazer e cultura e lazer e sociedade, bem como projetos de ação, na área.

## 3. Desenvolvimento

---

Refere-se à pesquisa bibliográfica, efetuada nos sistemas de bibliotecas da UNICAMP E UNIMEP, e com o auxílio de outras ferramentas como a Internet, que busca verificar a contribuição das principais obras dos autores clássicos LAFARGUE, VEBLEN e RUSSEL, para uma possível construção de uma teoria do lazer, buscando o embasamento teórico de projetos que estudem as relações as relações entre lazer e cultura e lazer e sociedade, bem como projetos de ação na área. Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo, que investiga outros autores.

## 4. Resultados

---

Em 1880 na Europa, em meio à industrialização, surgiu o primeiro “manifesto” a favor do lazer dos operários: o clássico O DIREITO A PREGUIÇA. Seu tema principal relata a alienação do proletariado em relação ao sistema capitalista e uma crítica a sociedade moderna. Lafargue, segundo Chauí (2000, p.10), afirma que: O laço que ata preguiça e pecado é um nó invisível que prende imagens sociais de escárnio, condenação e medo. É assim que aparecem para os brasileiros brancos as figuras do índio preguiçoso e do negro indolente, construídas no final do século XIX, quando o capitalismo exigiu a abolição da escravidão e substituiu a mão-de-obra escrava pela do imigrante europeu, chamado de trabalho livre (curiosa expressão numa sociedade cristã que não desconhece a Bíblia nem ignora que o trabalho foi imposto aos humanos como servidão!), (CHAUÍ, 2000, p 10). O ócio somente era bem visto para a classe burguesa, cujos poetas e filósofos acreditavam que essa atividade era indispensável para a vida livre e feliz, para o exercício nobre da política, o cultivo do espírito (pelas letras, artes e ciências) e para o cuidado com o corpo, como ginástica, dança e arte militar, considerando o trabalho como punição aos escravos (a classe trabalhadora), como desonra aos homens pobres. O ideal para Paul Lafargue era uma sociedade socialista e por conta disso, a revolta quando o proletariado deixa-se influenciar pela ganância do dinheiro, pelo dogma do trabalho, ficando em segundo plano toda sua vida e seus ideais. Com toda a adoração do indivíduo pelo trabalho (proletariado), passou-se a ter uma superprodução de produtos e esse fator acarretou em superconsumo para classe burguesa. A partir desse pensamento, Lafargue reflete a respeito da redução da jornada de trabalho. Se essa ação entrasse em vigor na época para três horas diárias de trabalho, haveria não somente empregos em abundância para todos da classe trabalhadora, como não mais lutariam entre si e não forçariam suas esposas e filhos trabalharem até a exaustão para conseguirem o mínimo de sobrevivência. Não estando esgotados do corpo e da mente, começariam a praticar as virtudes da preguiça. Passados dezenove anos da primeira publicação de “O DIREITO A PREGUIÇA”, por Paul Lafargue, surge um outro autor considerado como clássico para os estudos do lazer. “A TEORIA DA CLASSE OCIOSA”, por Thorstein Veblen, em 1899 e publicada em 1904, surge como uma das principais obras para a teoria do lazer. Através deste texto o autor tenta nos alertar sobre o que ocorre quando se tem o surgimento da instituição de classes, e em especial a da classe ociosa, que coincide com a propriedade privada. Veblen acredita que a crença da economia clássica é falsa, no sentido de que o empresário ao maximizar seus lucros, realiza o bem comum, as classes superiores não utilizam seus excedentes, possibilitados pelo progresso tecnológico, para desenvolver a produção. Veblen (1987) difere as comunidades “selvagens”, da escala cultural dita comunidades bárbaras pela ausência de classe ociosa, e por não adquirir uma atitude espiritual, um ponto forte na instituição da classe ociosa. Passada a necessidade de emulação, que primeiro se dá pela proeza, pela força, a evolução cultural novamente tem um novo rumo a ser seguido; é o início da emulação pecuniária (o indivíduo tem a necessidade de se sobressair pelo outro através da pecúnia), que é marcada pelo aparecimento de uma classe ociosa que coincide com o início da propriedade, pois ambas resultam de um mesmo conjunto de forças econômicas. Mais à frente discute como isso derivou no ócio conspícuo, quando o trabalho faz parte de seu modo de vida reconhecido e aceito, os indivíduos se

orgulham da eficiência de seu trabalho por ser a única maneira de emulação que lhes é permitido, adquirir bens é o trabalho produtivo. O termo ócio por VEBLEN (1987) quer dizer na conotação que não implica preguiça ou descanso, simplesmente é o tempo gasto em atividade não produtiva. É o trabalho de outro em nome de outra pessoa, que hoje se supõe em trabalho. Desse trabalho de outro por outro indivíduo pressupõe-se em ócio vicário, ou seja, trabalho despendido por pessoas livres e independentes. O consumo conspícuo se trata da evolução da classe ociosa vicária, que fez referencia a uma outra classe de divisão de trabalho, a classe de criados domésticos. O “Elogio do Lazer” é publicado por Bertrand Russel em 1932 e como Paul Lafargue, suas teorias políticas também eram socialistas. Objetiva com seu estudo de forma otimista ideais de harmonia e paz na sociedade, e quanto ao progresso moral se diz confiante no papel da ciência e da técnica para proporcionar “fartura” e bem – estar para todos. Um outro ponto que norteia sua obra são os resultados dos males causados pelo capitalismo, e assinala como sinal de degradação do homem o trabalho automatizado e cibernético dos dias atuais, contra o qual se sai, recomendando os remédios necessários. Chegou a pensar como seria se o trabalhador trabalhasse por apenas quatro horas dia, e resultou na idéia que haveria o suficiente para todos e não haveria desemprego, desde que a organização estivesse presente. RUSSEL (1977) diz que se deve admitir o emprego sábio do lazer é fruto da civilização e da educação. Lazer é o descanso da alma...

## 5. Considerações Finais

---

Os três autores pesquisados contribuem, dentro do contexto em que viveram e produziram suas obras, para a constituição de uma teoria sobre o lazer. Lafargue e Russel, a partir de uma visão socialista, com base na crença da redenção da sociedade pela máquina, defendendo cada um ao seu modo, a instauração de uma sociedade de três e quatro horas de trabalho, e fazendo uma espécie de “teoria da curvatura da vara”, demonstrando a importância da preguiça, do descanso, do lúdico, do lazer, na vida das pessoas, frente aos valores do trabalho na sociedade capitalista. Mas é importante que se diga que essas reflexões estavam embasadas num ideal socialista. Não é o caso, por exemplo, de Domenico De Masi, que se aproveita das idéias desses autores, para fazer exercícios de futurologia, dentro da própria sociedade capitalista (MARCELLINO e GPL [s.d]). Por sua vez a contribuição de Veblen com sua teoria da emulação, pela força (destreza permanecendo nos nossos dias através do esporte), pecuniária, ócio, e consumo, também pode oferecer importantes reflexões para a área, assim como suas categorias de ócio ou consumo conspícuo e ócio ou consumo vicário.

## Referências Bibliográficas

---

- CARMO. Cassis Moreira Gonçalves. **Do Ócio de Veblen ao Controle das Emoções de Elias: Possíveis Enfoques para uma interpretação do Lazer**, Campinas, 2002.
- GABRIEL. O. P. B. **Do Santíssimo Trabalho à sagrada Preguiça: Lazer e Religião na Obra de Paul Lafargue**. 2004.175 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2004.
- LAGARGUE. Paul. **O Direito a Preguiça**. Introdução de Marilene Chauí. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2000.
- MARCELLINO, N.C. e GPL. **Lazer e trabalho, no cotidiano da sociedade pós industrial, a partir da obra de Domenico De Masi, publicada no Brasil**, (s.d.) . Disponível em <http://www.unimep.br/facis/gpl/LAZER3.doc>  
Consultado em 25.07.2007
- RUSSEL. Bertrand. **Elogio do Lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- RUSSEL. Bertrand. **Ensaio Escolhidos**. Traduzido por: Pablo Ruben Mariconda. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- VEBLEN. Thorstein. **A teoria da Classe Ociosa**, ed. 2ª. São Paulo, Nova Cultural, 1987.